



O FEMINISMO RADICAL EM QUESTÃO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS PERSPECTIVAS DO FEMINISMO RADICAL DA SEGUNDA ONDA DO MOVIMENTO FEMINISTA ESTADUNIDENSE (1968 – 1975)

Cristian Sparemberger¹

Resumo:

A segunda onda do movimento feminista caracterizou-se por o feminismo não ser mais um movimento monolítico. Se a primeira onda do movimento feminista vislumbrou a conquista de direitos políticos, as feministas radicais da segunda onda, por meio de perspectivas revolucionárias, questionaram a dominação masculina apresentando que os problemas pessoais das mulheres não eram privados, mas sim, políticos. Objetivando compreender o pensamento feminista radical oriundo da segunda onda do movimento feminista nos Estados Unidos, o presente estudo realiza uma exposição das principais ideias desenvolvidas pelas pensadoras do feminismo radical estadunidense. A partir do método revisão bibliográfica expomos os postulados teóricos promovidos pelas feministas dos distintos movimentos radicais que se apresentaram nos Estados Unidos ao final da década de sessenta. Vislumbrando organizar de forma sistemática o pensamento político das feministas radicais, apresentamos o conceito de patriarcado, a ideia das mulheres enquanto classe social, a visão dos grupos radicais em relação aos homens e a postura das radicais *vis-à-vis* algumas das principais instituições ocidentais, como a família, o casamento, a igreja e o sexo. A partir da revisão de literatura realizada, também diagnosticamos as principais heranças que o feminismo radical da segunda onda ofereceu ao pensamento feminista e como a construção teórica feminista radical apresentou um caráter estratégico ao movimento.

Palavras-chave: Feminismo. Feminismo radical. História das ideias. Patriarcado. Segunda onda do movimento feminista. O pessoal é político.

Abstract:

The second wave of the feminist movement was characterized by the fact that feminism was no longer a monolithic movement. If the first wave of the feminist movement aspired to the conquest of political rights, the radical feminists of the second wave, in their revolutionary perspectives, questioned male domination, presenting that women's personal problems were not personal, but political. With the objective of understanding the radical feminist thought originating from the second wave of the feminist movement in the United States, this study presents an exposition of the main ideas developed in North American radical feminism. In our research, we used the bibliographic review method to expose the theoretical postulates promoted by radical feminists. In order to systematically organize the political thinking of radical feminists in our study, we present the concept of patriarchy, the idea of women as a social class, the vision of radical groups in relation to men and the position of radicals *vis-à-vis* some of the major Western institutions such as the family, marriage, the church and sex. From the literature review carried out, we also diagnose the main legacies that second wave radical feminism offered to feminist thought and how the radical feminist theoretical construction presented a strategic character to the movement.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2021-2025). Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015) e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018).



Keywords: Feminism. History of ideas. Patriarchy. Radical feminism. Second wave of the feminist movement. The personal is political.

Considerações iniciais

O movimento feminista, ao longo de sua maturação histórica, possibilitou às mulheres a abertura de novos canais para as reivindicações femininas concomitantemente com a conquista de direitos políticos e sociais às mulheres. As conquistas do movimento feminista, em maioria dos países ocidentais, podem ser observadas pelo desenvolvimento do movimento ao longo de sua evolução histórica: direitos políticos e civis eram o foco principal no início do século XX, direitos sociais e econômicos na década de sessenta e setenta após as conquistas de formas convencionais de participação política, e hodiernamente direitos culturais e correção das desigualdades sociais que envolvem as questões de gênero (Kroløkke; Sørensen, 2006).

O feminismo precedente ao entre guerras, conceituado como Feminismo da Primeira Onda, caracterizou-se pela incansável luta de inúmeras mulheres em favor de direitos constitucionais, de cidadania e do sufrágio universal. As primeiras feministas objetivavam a inclusão feminina nos processos eleitorais e a possibilidade de as mulheres participarem da vida pública e política. A Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial frearam as lutas pela emancipação feminina, embora neste período as conquistas estabelecidas na primeira onda abriram o caminho necessário para o surgimento de uma nova onda feminista na década de sessenta.

Após as décadas de quarenta e cinquenta, o contexto cultural e o cenário político no qual uma nova onda feminista floresceria se apresentava dessemelhante ao qual as primeiras feministas, *as sufragetes*, travaram a sua batalha e conquistaram direitos políticos e sociais. Foi neste cenário que a segunda onda feminista nos Estados Unidos demonstrou as suas perspectivas políticas, objetivando não somente mudanças no quadro de cidadania das mulheres, mas também uma série de novas demandas culturais, políticas e sociais sobre o modo como a sociedade lidava com as questões de gênero. Impulsionado inicialmente pelo feminismo liberal de Friedan (1986), que objetivava mudanças sistêmicas, a segunda onda do movimento feminista nos Estados Unidos se caracterizou por o feminismo agora não ser mais um movimento monolítico, mas sim, dividido em distintas correntes. Após a emergência do feminismo liberal, uma nova corrente

feminista surgiu no tecido social norte-americano. Agora era a vez das feministas radicais assumirem o seu papel na luta pelos direitos das mulheres.

Tendo em vista as breves considerações históricas previamente elucidadas, o presente artigo possui em seu cerne o objetivo de realizar uma explanação e sistematização das perspectivas oriundas dos movimentos feministas radicais que emergiram nos Estados Unidos ao final da década de sessenta (1968 – 1975). Para tanto, analisaremos tanto as obras produzidas pelas ativistas feministas radicais durante a maturação do movimento, assim como sistematizações e produções acadêmicas publicadas por feministas radicais após o término do movimento concomitantemente com obras de comentadores e comentadoras do pensamento feminista radical.

Estruturalmente, fragmentamos nossa sistematização. Inicialmente apresentamos o feminismo radical norte-americano enquanto movimento social e político, situando-o historicamente no contexto político e social estadunidense. Posteriormente efetivamos uma releitura das principais construções teóricas do feminismo radical, abordando o conceito de patriarcado, o posicionamento do feminismo radical perante as instituições ocidentais e a perspectiva de que *o pessoal é político*. Finalizando nossa estruturação, nas considerações finais tecemos breves comentários a respeito da pesquisa realizada e da importância do feminismo radical e de suas perspectivas no amadurecimento do movimento de libertação das mulheres.

1. O feminismo radical dos Estados Unidos (1968 – 1975): nascimento, identidade e legado

As feministas integrantes de grupos que lutavam em favor dos direitos das mulheres nos Estados Unidos, durante a segunda onda do movimento feminista, como as ativistas do feminismo liberal pertencentes ao *National Organization for Women*, acreditavam que poderiam alcançar melhores condições de vida às mulheres reformando o sistema, trabalhando em favor de uma legislação trabalhista às mulheres, da legalização do aborto e cobrando políticas estatais mais severas contra a violência doméstica. Alcançar a igualdade de direitos para as mulheres era o objetivo primordial dessas reformistas. Entretanto, nem todas as feministas queriam encontrar um lugar para as mulheres no sistema. As feministas, que formaram grupos como o *Redstockings*, o *The Feminists*, o

New York Radical Womens e o *New York Radical Feminists*, colocaram-se como revolucionárias ao invés de reformadoras, dando origem ao feminismo radical da segunda onda feminista nos Estados Unidos ao final da década de sessenta.

Ao contrário das feministas reformistas, as feministas radicais não se interessavam em resolver as questões referentes às mulheres por meio de agências governamentais ou grupos educacionais. Em vez disso, seu desejo de melhorar a condição das mulheres surgiu no contexto de sua participação em movimentos sociais radicais, dando origem a uma nova perspectiva de feminismo, o Feminismo Radical. Estas novas feministas, ao longo da segunda onda do movimento feminista, desempenharam um papel político, sendo que suas pautas, seus *slogans*, suas demandas e seus escritos ainda hoje tramitam em âmbito popular e acadêmico e inspiram inúmeras mulheres ao redor do globo.

Foi o feminismo radical que colocou a libertação das mulheres no mapa, que tornou a política sexual reconhecida como uma questão pública, que criou o vocabulário ("conscientização", "o pessoal é político", "irmandade é poderosa", etc.) que com a Segunda Onda do Feminismo entrou na cultura popular [...] As feministas radicais também foram as primeiras a exigir igualdade total na chamada esfera privada - compartilhamento igual de tarefas domésticas e assistência à infância, atenção igual a nossas [das mulheres] necessidades emocionais e sexuais (Willis, 1992, p.118 – Tradução do autor²).

O feminismo radical, além de diferenciar-se do feminismo liberal, formulou um pensamento e um discurso singular, tanto em relação às feministas da primeira onda quanto em relação às feministas liberais. Enquanto outras perspectivas usualmente mesclavam a diferença e a igualdade em seus escritos e em sua retórica política em favor dos direitos das mulheres, as feministas radicais focaram suas ideias, perspectivas e identidade em um conceito radical de igualdade.

Por exemplo, enquanto as feministas radicais geralmente repudiam a ideia de que os homens e as mulheres são essencialmente diferentes e defenderam uma sociedade sem gênero, as feministas do século XIX desdobraram argumentos de "igualdade" e "diferença" em um esforço para justificar direitos iguais para as mulheres. Assim, as feministas da Primeira Onda, às vezes, argumentavam que as mulheres mereciam o mesmo acesso à esfera

² Texto original: *It was radical feminism that put women's liberation on the map, that got sexual politics recognized as a public issue, that created the vocabulary ("consciousness-raising," "the personal is political," "sisterhood is powerful," etc.) with which the second wave of feminism entered popular culture. [...] Radical feminists were also the first to demand total equality in the so-called private sphere— equal sharing of housework and child care, equal attention to our emotional and sexual needs.*

pública porque eram iguais aos homens, intelectualmente e moralmente; em outras ocasiões, elas argumentaram que a igualdade sexual beneficiaria a sociedade porque a natureza mais pacífica, nutritiva e moral das mulheres compensaria a agressividade, a beligerância e a competitividade dos homens (Echols, 2009, p. 13 – Tradução do autor³).

O feminismo radical não se preocupou em criar uma teoria epistemológica ou filosófica dentro dos padrões acadêmicos. A teoria do Feminismo Radical foi formulada em consonância com suas ações, nas práticas de suas políticas e a partir da vivência e das experiências particulares de suas ativistas, por meio de reuniões nas quais as mulheres desabafavam suas angústias e seus problemas incomuns enquanto mulheres, para assim formular o seu pensamento político.

Por conta de sua própria natureza, o feminismo radical se concentrou em criar sua teoria nos escritos das vidas das mulheres e da análise política da opressão das mulheres. Pouco tempo foi dedicado a definir e redefinir nossa “teoria” pelo propósito da teoria. [...] O feminismo radical cria uma teoria política e social da opressão das mulheres, e estratégias para acabar com essa opressão que vem das experiências vividas das mulheres (Rowland; Klein, 1997, p.9 – Tradução do autor⁴).

O modo como a teoria feminista radical se estabelecia era singular, as mulheres “se reuniam em pequenos grupos e compartilhavam suas experiências pessoais como mulheres entre si. Elas descobriram que suas experiências individuais não eram únicas para elas, mas, amplamente compartilhadas por muitas mulheres” (Tong, 2009, p.48 – Tradução do autor⁵). A partir das experiências e frustrações narradas pelas próprias mulheres, os grupos feministas radicais elaboravam e desenvolviam um pensamento político particular, positivando-o em panfletos, manifestos e pequenos jornais, que eram

³ Texto original: *For example, while radical feminists generally repudiated the idea that men and women are essentially different and advocated the degendering of society, nineteenth century feminists deployed arguments of both "sameness" and "difference" in an effort to justify equal rights for women. Thus first-wave feminists sometimes argued that women deserved equal access to the public sphere because they were men's equals intellectually and morally; on other occasions they argued that sexual equality would benefit society because women's more pacific, nurturant, and moral nature would counterbalance men's aggressiveness, belligerence, and competitiveness.*

⁴ Texto original: *Because of its very nature, radical feminism has concentrated on creating its theory in the writing of women's lives and the political analysis of women's oppression. Little time has been devoted to defining and redefining our "theory" for theory's sake [...] radical feminism creates an original political and social theory of women's oppression, and strategies for ending that oppression which come from women's lived experiences.*

⁵ Texto original: *[...] came together in small groups and shared their personal experiences as women with each other. They discovered that their individual experiences were not unique to them but widely shared by many women [...].*

vendidos ou distribuídos para a sociedade. Por meio destes panfletos e das ideias florescidas nas reuniões entre mulheres que as feministas radicais introduziram o seu modo de pensar. Mas, a panfletagem e a escrita não foram as únicas formas que as feministas radicais encontraram para difundir o seu pensamento, suas estratégias eram variadas e o papel de suas ativistas era múltiplo:

Nos primeiros dois anos de existência, o feminismo radical mostrou todos os sinais de se tornar um verdadeiro movimento de massa. Nós tínhamos uma energia e entusiasmo enormes e usamos táticas variadas – demonstrações e discursos; organização incansável entre amigos e colegas de trabalho, nas esquinas das estradas, nos supermercados e nos quartos das senhoras; acima de tudo, uma saída prodigiosa de folhetos, panfletos, revistas, artigos de revistas, jornais e entrevistas de rádio e TV (Willis, 1992, p.117 – Tradução do autor⁶).

Apesar do feminismo radical não ter desenvolvido uma teoria sistêmica ou filosófica dentro dos padrões acadêmicos, ele dialogou diretamente com correntes teóricas e políticas que expressavam as tendências revolucionárias de sua época. O feminismo radical buscou no marxismo sua principal inspiração teórica para uma conceitualização do papel revolucionário da mulher na luta pela sua emancipação, vislumbrando repensar conceitos da teoria marxista, como o da divisão social do trabalho, o trabalho reprodutivo e, até mesmo, o próprio conceito de produção para compreender a condição das mulheres na sociedade e no capitalismo⁷.

No que tange atuação do Feminismo Radical no contexto da segunda onda do movimento feminista, destacamos que ele estabeleceu o seu protagonismo, principalmente, ao final da década de sessenta, após o famoso protesto *No More Miss América*, contra o concurso de beleza *Miss América*. Em razão da cobertura midiática que o protesto fomentou, o movimento recebeu visibilidade social e política, permitindo às feministas radicais difundirem a própria existência. O protesto, que ocorreu em *Atlantic*

⁶ Texto original: *In the first couple of years of its existence, radical feminism showed every sign of becoming a true mass movement. We had enormous energy and enthusiasm and used a variety of tactics—demonstrations and speakouts; tireless organizing among friends and coworkers, on street corners, in supermarkets and ladies' rooms; above all, a prodigious output of leaflets, pamphlets, journals, magazine articles, newspaper and radio and TV interviews.*

⁷ Os movimentos feministas radicais, apesar de, em muitos casos, sequestrarem o marxismo para dentro de suas análises, não possuíam uma visão homogênea da relação do feminismo com o marxismo. Portanto, compreendemos que uma análise precisa da relação entre o feminismo radical e o marxismo retiraria o foco central deste trabalho. Assim sendo, para mais informações sobre o tema recomendamos o artigo *Feminismo e marxismo: 40 anos de controvérsias*, escrito por D'Atri (2011), aos leitores que desejam um maior aprofundamento teórico no tema.

City, pode ser entendido como o momento no qual o feminismo radical mostrou sua cara, relevância e capacidade de organização e mobilização tanto aos norte-americanos quanto ao mundo.

O protesto da Miss América Paegaent em *Atlantic City*, em setembro de 1968, disse à nação que um novo movimento feminista está em andamento no país. Devido à enorme cobertura dos meios de comunicação de massa, milhões de americanos agora sabem que existe um Movimento de Libertação das Mulheres. A cobertura das mídias variou entre as primeiras páginas de vários jornais nos Estados Unidos até muitos artigos na imprensa estrangeira. A ação trouxe muitos novos membros para nossos grupos e muitos pedidos de mulheres de fora da cidade sobre informações e escritos (Hanisch, 2003, p.4 – Tradução do autor⁸).

O movimento feminista radical, por mais que tenha contado com uma considerável aderência política no final dos anos sessenta e suas perspectivas políticas tenham se imiscuído no tecido social, entrou em colapso tão rapidamente quanto cresceu. No início dos anos setenta, as feministas radicais passaram a encontrar dificuldades em espalhar suas ideias e manter o funcionamento de seus grupos políticos, em alguns momentos, em virtude do enfraquecimento do movimento *vis-à-vis* aos ataques conservadores e, em outros, pela saída de seus membros-chaves ou, até mesmo, por brigas internas em seus grupos. Logo, em “1973 o movimento feminista radical estava em declínio. Os grupos responsáveis por realizarem os importantes avanços teóricos estavam tanto mortos ou moribundos” (Echols, 2009, p. 198 – Tradução do autor⁹). Desta forma, era apenas uma questão de tempo para o feminismo radical dar o seu adeus enquanto movimento organizado na segunda onda feminista. O movimento teve seu término na metade da década de setenta:

Em 1975, o feminismo radical deu lugar ao feminismo cultural. O movimento de libertação das mulheres tornou-se o movimento das mulheres, em que os liberais se tornaram a força dominante, para

⁸ Texto original: *The protest of the Miss America Pageant in Atlantic City in September of 1968 told the nation that a new feminist movement is afoot in the land. Due to the tremendous coverage in the mass media, millions of Americans now know there is a Women's Liberation Movement. Media coverage ranged from the front pages of several newspapers in the United States to many articles in the foreign press. The action brought many new members into our groups and many requests from women outside the city for literature and information.*

⁹ Texto original: [...] *by 1973, the radical feminist movement was actually in decline. The groups responsible for making the important theoretical breakthroughs were either dead or moribund.*

não se dizer hegemônica (Willis, 1992, p. 118 – Tradução do autor¹⁰).

No contexto das lutas femininas nos Estados Unidos da América, “a era do Feminismo Radical conduziu à terceira onda feminista - muitas vezes pensada como um recomeço após a onda conservadora da Era Reagan da década de oitenta” (Buchanan, 2011, p. XIII – tradução do autor¹¹). O feminismo da onda futura, retirou importantes lições do Feminismo Radical, de modo que as feministas que viriam na onda subsequente procuraram como estratégia envolver tanto à esquerda quanto à direita em seu espectro político, diferentemente do que ocorreu com o Feminismo Radical durante a segunda onda feminista. Ademais, “como as oportunidades que as duas primeiras ondas buscavam começavam a se materializar às mulheres, uma abordagem menos combativa tornou-se mais popular” (Buchanan, 2011, p. xiii – Tradução do autor¹²).

No contexto histórico do feminismo, as feministas radicais foram as primeiras a exigir igualdade total na chamada esfera privada - compartilhamento das tarefas domésticas entre homens e mulheres, assistência à infância e atenção dos homens em relação às necessidades emocionais e sexuais das mulheres. De acordo com Willians (1992), toda a transformação que ocorreu na pauta feminista em relação às questões culturais estabelecidas entre os gêneros e sobre as opressões que as mulheres sofrem se inspirou nos princípios estabelecidos e difundidos pelas feministas radicais.

Apesar de inúmeras perspectivas provindas do feminismo radical terem sido incorporadas por outras correntes feministas ou vigorarem ainda hoje no coração das ativistas feministas, o feminismo radical acabou sendo marginalizado, mas jamais esquecido pelas outras perspectivas feministas. Mesmo com a marginalização do feminismo radical, ainda hoje existem grupos feministas que se declaram radicais. Como o feminismo não é um movimento estatístico e nem os diferentes grupos radicais são monolíticos, podemos afirmar que estes novos grupos se inspiram no feminismo radical

¹⁰ Texto original: *By 1975 radical feminism had given way to cultural feminism. The women's liberation movement had become the women's movement, in which liberals were the dominant, not to say hegemonic force.*

¹¹ Texto original: *The radical feminist era led to the Third Wave of Feminism— often thought of as beginning after the conservative wave of the Reagan Era of the 1980s.*

¹² Texto original: *As the opportunities the first two waves sought finally began to materialize for women, a less combative approach became popular.*

dos anos sessenta e setenta e sua forma de pensar e agir é análoga aos primeiros grupos radicais que surgiram¹³.

2. Perspectivas sociais e políticas do feminismo radical norte-americano

O pensamento feminista radical se coloca na posição de ser uma teoria feita inteiramente por mulheres e para as mulheres, criando uma teoria política e social da opressão das mulheres com o intuito de formular estratégias para acabar com essa opressão. A ideia de ser uma feminista radical, significa *pertencer à raiz*; assim o Feminismo Radical objetiva se colocar em uma posição na qual luta contra as raízes da opressão, e não meramente contra os seus efeitos. O intento inovador do feminismo radical pode ser diagnosticado, principalmente, em seu centramento na mulher, de modo que as experiências e os interesses das mulheres se encontram no alicerce da teoria e da prática desta perspectiva feminista.

As presunções epistemológicas do feminismo radical não se desenvolveram de forma sistemática e organizada. Ao invés de uma teoria sistemática, o feminismo radical desenvolveu o seu pensamento, a sua teoria e seus aspectos sociais em consonância com sua formação, maturação e ativismo político. Após o término do movimento, autores e autoras, entre eles antigos participantes dos grupos feministas de libertação das mulheres, dedicaram-se em estudar o tema, debatendo o pensamento feminista radical, englobando os preceitos fundamentais que guiaram o movimento. Para realizar nossa análise desta corrente singular do feminismo, usaremos tanto as sistematizações teóricas positivadas posteriormente ao movimento quanto os escritos desenvolvidos durante a sua formação e maturação.

Antes de iniciar nossa explanação da teoria estabelecida pelo Feminismo Radical, destacamos que o Feminismo Radical, assim como todo o movimento feminista, não era um movimento monolítico. Enquanto grupos como o *Redstockings*, o *The Feminists* e o *New York Radical Feminists* eram todos grupos feministas radicais, eles se encontravam divididos em diversas questões, perante tal fato, objetivando uma maior precisão em

¹³ Ressaltamos que esta questão ainda é objeto de debate nos ciclos de estudos feministas, contudo, para mantermos o foco nos objetivos de nossa pesquisa, não abordaremos os debates acerca do feminismo radical contemporâneo em relação aos movimentos que surgiram nos Estados Unidos ao final da década de sessenta.

nossa análise, procuraremos tratar dos princípios homogêneos que definiram os distintos grupos do Feminismo Radical enquanto movimento singular e, ao abordar alguma característica singular ou diferenciada de um dos inúmeros grupos feministas radicais, trataremos tal atributo como uma forma pertencente ao Feminismo Radical, mas não hegemônica dentro do movimento.

2.1 As mulheres enquanto classe social oprimida e o conceito de patriarcado

O preceito principal do Feminismo Radical é o de conceituar as mulheres como parte de um grupo oprimido, salientando que todas as mulheres são submetidas a opressão masculina. Tal ideia, pode ser conferida no texto do *Redstockings Manifesto*:

As mulheres são uma classe oprimida. Nossa opressão é total, afetando todas as facetas de nossas vidas. Somos exploradas como objetos sexuais, criadores, servas domésticas e mão de obra barata. Somos consideradas seres inferiores, cujo único propósito é melhorar a vida dos homens. Nossa humanidade é negada. Nosso comportamento prescrito é imposto pela ameaça de violência física (Redstockings, 1969 – Tradução do autor¹⁴).

As feministas radicais, por meio da opressão incomum que as mulheres sofrem, alicerçaram a concepção de que todas as mulheres formam uma classe oprimida, sendo que os agentes opressores, são os homens. Para as feministas radicais, os homens exercem o domínio e a opressão por uma supremacia masculina, na qual os valores sociais e as instituições políticas e econômicas são formados para favorecer os homens por meio da subordinação, exploração e opressão das mulheres.

Identificamos os agentes de nossa opressão: os homens. A supremacia masculina é a forma de dominação mais antiga e básica. Todas as outras formas de exploração e opressão (racismo, capitalismo, imperialismo, etc.) são extensões da supremacia masculina: os homens dominam as mulheres, alguns homens dominam o resto. Todas as estruturas de poder ao longo da história têm sido dominadas pelos homens e masculinamente orientadas. Os homens controlaram todas as instituições políticas, econômicas e culturais e apoiaram esse controle com a força física. Eles usaram seu poder para manter as mulheres em uma posição inferior. Todos os homens recebem benefícios econômicos, sexuais e psicológicos

¹⁴ Texto original: *Women are an oppressed class. Our oppression is total, affecting every facet of our lives. We are exploited as sex objects, breeders, domestic servants, and cheap labor. We are considered inferior beings, whose only purpose is to enhance men's lives. Our humanity is denied. Our prescribed behavior is enforced by the threat of physical violence.*

da supremacia masculina. Todos os homens têm oprimido as mulheres (Redistokings, 1969 – Tradução do autor¹⁵).

Os postulados do Feminismo Radical se adjetivam por tornar visível o controle masculino assim que ele é exercido na vida das mulheres, tanto na esfera pública quanto privada. A ideia de que as mulheres formam uma classe oprimida serviu não somente para alicerçar as ações e propostas do feminismo radical, mas também como uma forma de união entre as mulheres, diluindo diferenças de questões como cor, classe social ou opção sexual. Este postulado foi utilizado pelas feministas radicais para cunharem uma concepção homogênea para todas as mulheres, identificando uma singularidade, a opressão, como uma maneira de estabelecer as mulheres como grupo universal, ao passo que também universalizou os homens, por meio da mesma dialética, postulando todos os homens na condição de opressores.

Essa noção de opressão feminina como a principal opressão foi muito atraente por várias razões. Era uma maneira de contrariar a insistência da esquerda de que a opressão de classe era primária e a libertação das mulheres, na melhor das hipóteses, uma luta subsidiária - podíamos afirmar que, pelo contrário, todas as revoluções anteriores eram meros prelúdios reformistas para o real. Permitiu que as mulheres brancas da classe média minimizassem as formas em que as mulheres participaram e se beneficiaram de raça e privilégio de classe. O mais importante, penso eu, parecia oferecer uma solução para a contradição de que falei: sustentava a possibilidade de que uma teoria feminista também pudesse ser uma teoria geral da transformação social. Por todas essas razões, compreendi com clareza esta tese (Willis, 1992, p. 123 – Tradução do autor¹⁶).

Por meio desta perspectiva, o feminismo radical elevou a opressão de gênero como a principal e a maior forma de opressão existente, difundindo a ideia de “que o controle

¹⁵ Texto original: *We identify the agents of our oppression as men. Male supremacy is the oldest, most basic form of domination. All other forms of exploitation and oppression (racism, capitalism, imperialism, etc.) are extensions of male supremacy: men dominate women, a few men dominate the rest. All power structures throughout history have been male-dominated and male-oriented. Men have controlled all political, economic and cultural institutions and backed up this control with physical force. They have used their power to keep women in an inferior position. All men receive economic, sexual, and psychological benefits from male supremacy. All men have oppressed women.*

¹⁶ Texto original: *This notion of women's oppression as the primary oppression was very appealing for several reasons. It was a way of countering the left's insistence that class oppression was primary and women's liberation at best a subsidiary struggle—we could claim that on the contrary, all previous revolutions were mere reformist preludes to the real thing. It allowed white middle-class women to minimize the ways in which women participated in and benefited from race and class privilege. Most important, I think, it seemed to offer a resolution to the contradiction I've been talking about: it held out the possibility that a feminist theory could also be a general theory of social transformation. For all these reasons I uncritically bought this thesis.*

dos homens sobre a vida sexual e reprodutiva das mulheres, a identidade própria, respeito próprio e a autoestima são as mais fundamentais de todas as opressões que os seres humanos encontram um pelo outro” (Tong, 2009, p. 49 – Tradução do autor¹⁷). A perspectiva de que a opressão de gênero realizada pelos homens é maior de todas as opressões pode ser categorizada em cinco pilares:

1. Que as mulheres foram, historicamente, o primeiro grupo oprimido.
2. Que a opressão das mulheres é a mais difundida, existente em, praticamente, todas as sociedades conhecidas.
3. Que a opressão das mulheres é a forma mais difícil de opressão para se erradicar e ela não pode ser removida por outras mudanças sociais, como a abolição da sociedade de classes.
4. Que a opressão das mulheres causa o maior sofrimento às suas vítimas, qualitativamente e quantitativamente, embora o sofrimento possa muitas vezes não ser reconhecido por causa dos preconceitos sexistas dos opressores e das vítimas.
5. Que a opressão das mulheres [...] fornece um modelo conceitual para entender todas as outras formas de opressão (Tong, 2009, p. 50 – Tradução do autor¹⁸).

O feminismo radical caracteriza-se por estabelecer todas as mulheres como um grupo social oprimido pelos homens, que formam outro grupo social de opressão. De acordo com esta perspectiva feminista, a opressão que as mulheres sofrem se adjetiva por ser a maior e a mais fundamental forma de opressão que vigora na sociedade, sendo muito difícil o reconhecimento da opressão pelas próprias mulheres. O reconhecimento desta opressão, de acordo com as radicais, é dificultado tanto às oprimidas quanto aos opressores, em virtude de preconceitos e perspectivas pré-estabelecidos pelos sujeitos em seu processo de desenvolvimento social, transformando a opressão em algo consuetudinário e quase imperceptível na vida cotidiana.

2.1.1 O conceito de patriarcado no Feminismo radical

¹⁷ Texto original: *They insisted that men’s control of both women’s sexual and reproductive lives and women’s self-identity, self-respect, and self-esteem is the most fundamental of all the oppressions human beings visit on each other.*

¹⁸ Texto original: *1. That women were, historically, the first oppressed group. 2. That women’s oppression is the most widespread, existing in virtually every known society. 3. That women’s oppression is the hardest form of oppression to eradicate and cannot be removed by other social changes such as the abolition of class society. 4. That women’s oppression causes the most suffering to its victims, qualitatively as well as quantitatively, although the suffering may often go unrecognized because of the sexist prejudices of both the oppressors and the victims. 5. That women’s oppression [...] provides a conceptual model for understanding all other forms of oppression.*

As feministas radicais classificaram a estrutura de dominação masculina, causadora da opressão feminina, como o patriarcado, que é o responsável pela opressão e a dominação masculina. O conceito de patriarcado, para as Feministas Radicais, pode ser entendido como:

O patriarcado é um sistema de estruturas e instituições criadas por homens em ordem de sustentar e recriar o poder masculino e a subordinação feminina. Tais estruturas incluem: instituições como as leis, a religião e a família; ideologias que perpetuam a posição “naturalmente” inferior das mulheres (Rowland; Klein, 1997, p.15 – Tradução do autor¹⁹).

O patriarcado se sustenta como um sistema de valores universais, o qual aparece e reaparece em diferentes formas culturais e/ou históricas para dominar e oprimir as mulheres em favor dos homens, por meio de diferentes estruturas institucionais, que variam desde o casamento até mesmo para questões triviais da vida humana, como a linguagem e o humor. De acordo com as feministas radicais, o que mantém a dominação dos homens em relação às mulheres é uma ideologia patriarcal, que sustenta o sistema patriarcal.

A ideologia patriarcal mantém essas estruturas. A família é mantida através do conceito de amor romântico entre homens e mulheres, quando, na realidade, contratos de casamento tiveram tradicionalmente uma base econômica. O trabalho das mulheres no interior da família, que tem sido não remunerado e não reconhecido, e que inclui prestar serviço emocional aos membros da família, bem como prestar serviço físico, continua a ser definido como um “trabalho de amor”. Homens manejaram em criar uma ideologia que define os homens como donos “naturais” do intelecto, da racionalidade e do poder de governar. Mulheres são “por natureza” submissas, passivas e dispostas a serem chefiadas (Rowland; Klein, 1997, p.16 – Tradução do autor²⁰).

A perspectiva de uma instituição como o patriarcado, aos moldes que as feministas radicais descrevem, retrata as mulheres como um grupo que, historicamente, teve seu

¹⁹ Texto original: *Patriarchy is a system of structures and institutions created by men in order to sustain and recreate male power and female subordination. Such structures include: Institutions such as law, religion, and the family*

²⁰ Texto original: *Patriarchal ideology maintains these structures. The family is maintained through the concept of romantic love between men and women, when in fact marriage contracts have traditionally had economic base. Women's labor within the family, which has been unpaid and unacknowledged, and which includes the emotional servicing of members of the family as well as their physical servicing, continues to be defined as a “labor of love”. Men have managed to create an ideology which defined men as the “natural” owners of intellect, rationality, and the power to rule. Women “by nature” are submissive, passive, and willing to be led.*

destino selado pela vontade masculina. Para estas feministas, até a maneira como as mulheres se vestem e outras questões culturais, que ocorrem em relação ao corpo feminino e a vida das mulheres é provindo dos interesses masculinos.

Embora seja verdade que as mulheres usam saias mais curtas do que costumavam, eu sugeriria que isso não acontecesse tanto em seu interesse, mas porque os HOMENS preferiram assim [...] As meninas de hoje estão tão preocupadas com a "imagem" como sempre. E ainda continuam sendo objetos sexuais. Somente os estilos mudaram [...] quanto ao sexo em si, eu argumentaria que quaisquer mudanças vieram como resultado de interesses masculinos e não das mulheres. Qualquer benefício para as mulheres foi acidental (Firestone, 1968, p.6 – Tradução do autor²¹).

O feminismo radical, ao declarar o patriarcado e os homens como agentes que delineiam suas vontades e aspirações sobre as mulheres, de modo que todas as suas ações se voltam ao controle das mulheres, acredita que o mundo se configurou pela vontade do patriarcado. Na visão das feministas radicais, qualquer benefício que este domínio proporcionou às mulheres, foi acidental. Para as feministas radicais, as mulheres apenas aceitam a sua condição por não terem a consciência de sua situação, porque “elas não veem que vivem em um mundo de supremacia masculina” pois, “as ideias são tão antigas que não é de se admirar que as mulheres não podem ver o que aconteceu com elas” (Hanisch & Sutherland, 1968 p.13 – Tradução do autor²²).

2.2 O pessoal é político

As feministas radicais apostaram em um *slogan* para as suas reivindicações: *O pessoal é político*. O termo nasceu do artigo de Hanisch, 1969, *The personal is political*, o qual denota um dos eixos centrais da filosofia do Feminismo Radical. O artigo escrito por Hanisch responde às críticas referentes ao fato de alguns teóricos conceituarem as reuniões femininas organizadas pelos movimentos radicais como um grupo de terapia, no

²¹ Texto original: *Though its true that women wear shorter skirts than they used to, I would suggest that this happened not so much in their interest as because MEN preferred it that way [...] Girls today are as concerned about 'image' as ever. And they are still sexual objects. Only the styles have changed [...] As for sex itself, I would argue that any changes were as a result of male interests and not female. Any benefits for women were accidental.*

²² Texto original: *[...] she doesn't see her own oppression. She doesn't see that she lives in a world of male supremacy [...] the ideas are so old that it's no surprise women cannot see what has happened to them.*

qual as mulheres tratavam seus problemas pessoais enquanto mulheres. Para Hanisch, os problemas tratados nas reuniões não eram pessoais, mas sim, políticos:

Então, a razão pela qual participo destas reuniões não é resolver nenhum problema pessoal. Uma das primeiras coisas que descobrimos nesses grupos é que os problemas pessoais são problemas políticos. Não há soluções pessoais neste momento. Existe apenas uma ação coletiva para uma solução coletiva. Eu fui, e continuo indo a essas reuniões porque adquiri uma compreensão política que toda a minha leitura, todas as minhas “discussões políticas”, toda a minha “ação política”, todos os meus quatro anos e pouco no movimento nunca me deram. Eu fui forçada a tirar os óculos cor de rosa e encarar a horrível verdade de quão deprimente minha vida é na condição de mulher. Eu estou adquirindo uma compreensão mais profunda de tudo, se comparado com a compreensão esotérica à compreensão intelectual e sentimentos de *noblesse oblige* que eu tinha das lutas de “outras pessoas” (Hanisch, 1969 – Tradução do autor²³).

As ideias defendidas por Hanisch, inspiraram o feminismo radical na medida em que o movimento foi embasado em uma premissa: demonstrar que os problemas incomuns que as mulheres encontram não são de natureza pessoal, mas sim políticos. Em outras palavras, o que o feminismo radical buscou demonstrar é que a interrelação das esferas público/privado constitui um elemento da dominação masculina. O estado, ao negligenciar as desigualdades e injustiças desenvolvidas na esfera doméstica, promove também desigualdades na esfera pública, de modo que os homens passam a ser favorecidos por uma esfera doméstica que beneficia a dominação masculina. O que o slogan *o pessoal é político* demonstra é que a esfera privada promove condicionantes na esfera pública, logo a tradição de esferas separadas mostra-se como mais um agravante às mulheres e como mais um elemento da dominação masculina.

2.3 As instituições ocidentais na concepção do pensamento feminista radical

As ações e os discursos das feministas radicais para abolição do patriarcado voltaram-se contra instituições tradicionais da cultura ocidental, como a família e a

²³ Texto original: *So the reason I participate in these meetings is not to solve any personal problem. One of the first things we discover in these groups is that personal problems are political problems. There are no personal solutions at this time. There is only collective action for a collective solution. I went, and I continue to go to these meetings because I have gotten a political understanding which all my reading, all my “political discussions,” all my “political action,” all my four-odd years in the movement never gave me. I’ve been forced to take off the rose colored glasses and face the awful truth about how grim my life really is as a woman. I am getting a gut understanding of everything as opposed to the esoteric, intellectual understandings and noblesse oblige feelings I had in “other people’s” struggles.*

religião. Consequentemente, tais instituições tornaram-se constantes objetos de análise das feministas radicais, pois “seguir os em frente com os direitos das mulheres significaria a abolição da estrutura familiar tradicional” (Firestone, 1968, p.3 – Tradução do autor²⁴). Assim, as feministas radicais conceituaram a igreja e a família como instituições perpetuadoras da opressão feminina.

A IGREJA E A FAMÍLIA: talvez nenhuma das outras causas listadas vá tão profundamente na raiz como esta. O cristianismo judaico sempre adotou a inferioridade das mulheres, apontando para Gênesis para provar a natureza tentadora das mulheres, seu papel especial, sua missão de ser frutífera e multiplicara, depois do Éden, multiplicando a dor e a submissão ao homem (Firestone, 1968, p.3 – Tradução do autor²⁵).

Ao retratar o casamento, no artigo *Marriage*, publicado por Sheila Cronan, em um dos jornais distribuídos pelas feministas radicais, a feminista conceitua a categoria de esposa como a de uma escrava, que só adere ao casamento por ser uma ilusão socialmente criada, pois o “casamento é tão efetivamente disfarçado em termos brilhantemente românticos que as jovens se apressam com isso excitadamente, apenas para descobrirem tarde demais os termos reais do contrato de casamento” (Cronan, 1971, p.64 – Tradução do autor²⁶). Consequentemente, as feministas radicais defenderam a abolição do casamento enquanto instituição social: "Uma vez que, o casamento constitui escravidão para as mulheres, é claro que o Movimento das Mulheres deve se concentrar em atacar esta instituição. A liberdade das mulheres não pode ser conquistada sem a abolição do casamento" (Cronan, 1971, p.64).

As perspectivas das feministas radicais dirigidas ao casamento também podem ser compreendidas por outra perspectiva: o casamento enfraquecia a emancipação feminina, devido ao fato de as mulheres declararem lealdade para um homem, desencorajando-as a buscarem independência e emancipação social e financeira. Ademais, o status de esposa, no contexto cultural norte-americano dos anos sessenta, depreciava o status das mulheres

²⁴ Texto original: [...] *that to follow through on Women's rights would mean abolition of the traditional family structure.*

²⁵ Texto original: *THE CHURCH & THE FAMILY: Maybe none of the other causes listed goes so deeply to the root as this one. Judaeo-Christianity has always espoused the inferiority of women, pointing to Genesis for proof of women's temptress nature, her special role, her mission to be fruitful and multiply and after Eden, to multiply the pain and submission to man.*

²⁶ Texto original: [...] *marriage is so effectively disguised in glowing, romantic terms that young girls rush into it excitedly, only to discover too late what the real terms of the marriage contract are.*

solteiras. Estas perspectivas clarificam-se no pensamento feminista radical a partir dos *insights* de Kearon e Mehrhof, positivados nos jornais produzidos e distribuídos pelas feministas radicais:

O casamento é ruim para a classe de mulheres. O "status" da esposa deprecia a posição de outras mulheres. O desejo de "status" não é insignificante para membros de grupos oprimidos. [...] as solteironas gozam, na melhor das hipóteses, de uma existência marginal na sociedade [...] a solteira, muitas vezes, é privada de uma conexão humana e contínua comum ao coração do mundo que ela habita. O casamento proporciona um mínimo de segurança para as mulheres, o que milita contra o impulso para alcançar o poder econômico para a classe das mulheres. O casamento também divide as mulheres umas das outras garantindo lealdade acima de tudo para um homem, pois ele é o meio para o status e a segurança. Portanto, enfraquece qualquer movimento político que as mulheres tentam criar para si. Mais importante, desvaloriza e desencoraja a necessidade de liberdade e independência (Kearon; Mehrhof, 1971, p.74 – Tradução do autor²⁷).

A ideia de que as mulheres são oprimidas pelos homens e pela sociedade patriarcal pode ser observada no feminismo radical no modo como esta perspectiva abordou a prostituição, o casamento e a maternidade. Para as feministas radicais, estas instituições se configuram com o objetivo de instrumentalizar as funções opressivas do patriarcado. No pensamento feminista radical as mulheres seriam exploradas socialmente por meio da institucionalização da prostituição concomitantemente com o casamento e a maternidade. Em outras palavras:

A prostituição, o casamento e a maternidade são as três instituições que existem unicamente para a exploração das mulheres. Essas instituições estão relacionadas em nossa opressão porque abrangem todas as funções opressivas impostas às mulheres pelos homens (Kearon; Mehrhof, 1971, p.71 – Tradução do autor²⁸).

²⁷ Texto original: *Marriage is bad for the class of women. The "status" of wife depreciates the position of other women. The desire for "status" is nothing petty for members of oppressed groups. [...] spinsters enjoy at best a fringe existence in society, [...] the spinster often deprived of an ordinary human and continuous connection to the heart of the world she inhabits. Marriage provides a minimum of security for women, which militates against the drive to achieve economic power for the class of women. Marriage also divides women from one another by ensuring loyalty above all to a male, since he is the means to both status and security. Therefore, it weakens any political movement women attempt to create for themselves. Most importantly, it devalues and discourages the need for freedom and independence.*

²⁸ Texto original: *Prostitution, Marriage, and Motherhood are the three institutions which exist solely for the exploitation of women. These institutions are related in our oppression because they encompass all the oppressive functions imposed upon women by men.*

Ao entender estas três questões, o pensamento feminista radical observa que tais instituições apenas existem e são aderidas pelas mulheres em virtude da vontade masculina e do poder de influência do patriarcado, de modo que “a sexualidade, a vida familiar e as relações entre homens e mulheres não eram simplesmente questões de escolha individual, nem mesmo de costume social, mas envolviam o exercício do poder pessoal e institucional” (Willis, 2009, p.ix – Tradução do autor²⁹).

Ao tratar, mais especificamente, da prostituição, as feministas radicais acreditam que nenhuma mulher adere a tal prática de forma consciente, elas só o fazem em virtude das vontades masculinas e do sistema patriarcal, que obriga as mulheres a exercerem tal atividade em prol de sua condição econômica, sendo que elas são “vítimas da instituição criada pelos homens conhecida como prostituição (Brownmiller, 1971, p.37 – Tradução do autor³⁰), Na perspectiva do feminismo radical, as mulheres apenas se submetem à prostituição por uma incapacidade financeira.

Agora, o mito diz que a prostituta feminina é o vendedor de sua própria carne, que ela é um participante livre em seu ato, que ela fez uma escolha consciente para vender seu corpo. Esse é um mito masculino, cavalheiro, um que seu sexo tem popularizado com sucesso para seu próprio interesse. Não só absolvê-lo de sua responsabilidade neste terrível crime de comprar o corpo de um outro ser humano, ele colocou sua culpa em nossos ombros (Brownmiller, 1971, p.37 – Tradução do autor³¹).

O fim da prostituição foi retratado pelas radicais como uma das principais causas necessárias para se conquistar a igualdade entre gêneros, logo as feministas radicais posicionaram-se inteiramente contra a legalização da prostituição, por acreditar que o fato de uma mulher vender seu corpo degenera a imagem da mulher enquanto classe e faz com que os homens pensem que as mulheres estão acessíveis por um determinado preço, como se as mulheres fossem objetos. Também a prostituição, na visão dos grupos radicais, foi

²⁹ Texto original: [...] *sexuality, family life, and the relations between men and women were not simply matters of individual choice, or even of social custom, but involved the exercise of personal and institutional power.*

³⁰ Texto original: [...] *victim of the male-created institution known as prostitution.*

³¹ Texto original: *Now like myth has it that the female prostitute is the seller of her own flesh, that she is a free participant in her act, that she has made a conscious choice to sell her body. That is a male myth, gentlemen, one that your sex has rather successfully popularized for your own self-interest. It has not only absolved you of your responsibility in this terrible crime of buying another human being's body, it has conveniently shifted your guilt onto our shoulders.*

conceituada como uma das causas da desigualdade entre os gêneros, de modo que, o fim da prostituição seria uma meta irrevogável para o fim das disparidades sexuais.

Os homens nunca verão as mulheres como iguais até que haja um fim para a prostituição. Parece que teremos que trabalhar para a plena igualdade das mulheres e o fim da prostituição lado a lado. Um não pode ocorrer sem o outro (Brownmiller, 1971, p.39 – Tradução do autor³²).

No que tange as relações sexuais no pensamento feminista radical, Koedt (1968) conceitua o sexo normal como uma forma de opressão. Para a autora, o fato de a atividade sexual não ser focada no clitóris, principal órgão de prazer feminino, é uma construção que possui o objetivo de beneficiar o órgão sexual masculino. “Os homens têm orgasmos essencialmente por fricção com a vagina, não com o clitóris - que é externo e não é capaz de causar fricção como a penetração faz. As mulheres foram assim definidas sexualmente em termos do que agrada os homens” (Koedt, 1968, p. 11 – Tradução do autor³³). Desta forma, devido à opressão que as mulheres sofrem com o padrão do sexo, uma nova forma deveria ser estabelecida como padrão, para beneficiar as mulheres:

Devemos começar a exigir que, se uma determinada posição sexual ou técnica agora definida como "padrão" não é mutuamente favorável ao orgasmo, então não deve ser definida como padrão. Novas técnicas devem ser usadas ou planejadas que modifiquem nossa exploração sexual atual (Koedt, 1968, p. 11 – Tradução do autor³⁴).

As perspectivas do feminismo radical, em relação a instituições como o casamento, a maternidade, a religião e até mesmo o sexo, buscam conscientizar as mulheres a respeito de seu papel enquanto classe oprimida. Ademais, tais perspectivas demonstram o intento revolucionário e combativo do movimento, negando perspectivas reformistas e mostrando que apenas um completo reordenamento da sociedade seria capaz de promover uma real igualdade de gênero nas condições do pensamento feminista radical.

³² Texto original: *Prostitution will not end in this country until men see women as equals. And men will never see women as equals until there's an end to prostitution. So it seems that we will have to work for the full equality of women and the end to prostitution side by side. One cannot occur without the other.*

³³ Texto original: *Men have orgasms essentially by friction with the vagina, not with the clitoris — which is external and not able to cause friction the way penetration does. Women have thus been defined sexually in terms of what pleases men; our own biology has not been properly analyzed.*

³⁴ Texto original: *We must begin to demand that if a certain sexual position or technique now defined as "standard" is not mutually conducive to orgasm, then it should no longer be defined as standard. New techniques must be used or devised which transform our current sexual exploitation.*

2.4 Os agentes da opressão: os homens no pensamento feminista radical

Tratado alguns dos principais preceitos referentes à opressão que as mulheres sofrem pelos homens e pelas instituições denominadas patriarcais, agora analisa-se outro dos preceitos fundamentais do Feminismo Radical: a perspectiva de que todos os homens são opressores. Como afirmado anteriormente, o feminismo radical não era um movimento monolítico, assim, foram desenvolvidas pelo movimento duas linhas de pensamento para retratar a dominação masculina. A primeira delas, adotada por grupos como o *Redstockings*, afirmava que os homens dominavam as mulheres em favor de benefícios materiais e econômicos, ao passo que, grupos como *O New York Radical Feminists*, defendiam que a essência da dominação masculina se fundamentava no ego dominador e opressor dos homens, como afirma Willis:

Enquanto a maioria das feministas radicais supunham que os homens queriam dominação em benefício dos bens materiais - pelo que significavam não apenas os benefícios econômicos, em sentido amplo, da divisão sexual do trabalho, mas os benefícios psíquicos de ter as necessidades emocionais atendidas sem qualquer reciprocidade. O *New York Radical Feminists* propôs, em essência, que os homens queriam exercer o poder por si mesmos - que era intrinsecamente satisfatório para o ego masculino dominar os outros. De acordo com sua formulação, os homens não defendiam seu poder para obter serviços de mulheres, mas exigiram serviços das mulheres para afirmar seu senso de poder (Willis, 1992, p.29 – Tradução do autor³⁵).

As bases do *New York Radical Feminists* defendiam uma natureza masculina predatória, de forma que: "O senso de valor pessoal de um homem vem através de seu *cocksmanship*³⁶ [...] É o velho negócio de aumentar sua autoimagem ao rebaixar alguém"

³⁵ Texto original: *While most radical feminists assumed men wanted dominance for the sake of material benefits—by which they meant not only the economic, in the broad sense, benefits of the sexual division of labor, but the psychic benefits of having one's emotional needs catered to without any obligation to reciprocate, NYRF proposed in essence that men wanted to exercise power for its own sake—that it was intrinsically satisfying to the ego to dominate others. According to their formulation men did not defend their power in order to get services from women, but demanded services from women in order to affirm their sense of power.*

³⁶ *Cocksmanship* é uma expressão norte-americana pejorativa para a capacidade de um homem conquistar uma mulher e levá-la para a cama.

(Firestone, 1998b, p. 10 – Tradução do autor³⁷). Este ponto de vista conceituava o homem na posição de um ser defeituoso, incapaz de amar ou demonstrar sentimentos.

Eu acho que a necessidade que o homem tem para o papel de opressor é a fonte e o fundamento de toda opressão humana: eles sofrem de uma doença peculiar à humanidade que eu chamo de "canibalismo metafísico", e os homens devem, pelo menos, cooperar para se curar (Atkinson, 1970, p.35 – Tradução do autor³⁸).

Como pode ser observado, as presunções do feminismo radical divergiam a respeito dos homens. Enquanto determinados grupos pregavam uma perspectiva essencialista a respeito da natureza masculina, adjetivando todos os homens como seres defeituosos, outros grupos preferiram conceituar os homens por critérios de benefícios sociais e econômicos, recusando uma visão essencialista a respeito da classe opressora. No entanto, devido ao fato de todos os homens se beneficiarem da dominação masculina, ambas as perspectivas optaram por conceitualizar todos os homens como opressores.

Considerações Finais

O pensamento feminista radical pode ser compreendido por meio da ideia das mulheres enquanto classe. As perspectivas desenvolvidas por esta corrente feminista não objetivaram apenas compreender a opressão feminina, mas também desenvolver um arcabouço teórico acerca das instituições opressoras das mulheres enquanto classe social. A ideia das mulheres enquanto classe ofereceu um elemento homogêneo ao feminismo radical, ao unificar as mulheres enquanto classe oprimida, o feminismo radical promoveu não somente a conscientização, mas também um elemento para a promoção da união de todas as mulheres em favor de suas demandas.

Como contribuição notória do feminismo radical para história das ideias do pensamento feminista, o diagnóstico da relação entre a esfera pública e a esfera privada acentua-se como elemento que guiou parte das presunções dos feminismos subsequentes. O slogan *o pessoal é político*, desenvolvido por Hanisch (1969), auferiu notoriedade em nas mais diversas correntes do movimento feminista, sendo que até mesmo as feministas

³⁷ Texto original: *A man's sense of personal worth comes through his cocksmanship [...] It's the old business of raising your self-image by lowering someone else.*

³⁸ Texto original: *I think that the need man have for the role of oppressor is the source and foundation of all human oppression: they suffer from a disease peculiar to Mankind which I call "metaphysical cannibalism," and men must at the very least cooperate in curing themselves.*

liberais, críticas do movimento feminista radical, passaram a questionar a separação da dicotomia público/privado tanto no desenvolvimento teórico da teoria política quanto na própria forma como o Estado deveria lidar com as questões que envolvem a esfera privada e as consequências da esfera privada na vida pública.

Seguramente, o feminismo radical oriundo da segunda onda do movimento feminista dos Estados Unidos, mais do que apenas promover perspectivas revolucionárias, ofereceu um caminho de vazão aos sentimentos de muitas mulheres submetidas a opressão ao longo de seu desenvolvimento social, permitindo que anseios outrora aprisionados pudessem auferir voz e representação no tecido social. Com toda fúria demonstrada em protesto como o *No More Miss América*, o feminismo radical rompeu com estereótipos, desenvolveu seu próprio pensamento e ainda hoje influência o nascimento de novos axiomas e novas formas de dar luz a sentimentos e demandas femininas.

Referências

ATKINSON, Ti-grace. Radical Feminism, In: New York Radical Women. **NOTES FROM THE SECOND YEAR**. New York, 1970. p. 32-37.

BROWNMILLER, Susan. Speaking Out on Prostitution. In: **Notes From The Third Year: WOMEN'S LIBERATION**. New York, 1971. p.37-39.

CRONAN, Sheila. Marriage. In: **Notes From The Third Year: WOMEN'S LIBERATION**. New York, 1971. p. 62-66.

D'ATRI, Andrea. **Feminismo e marxismo: 40 anos de controvérsias**. Trad: Ramon Casas Vilarino. Lutas Sociais, São Paulo, n.27, p.144-158, 2011.

ECHOLS, Alice. **Daring to Be Bad: Radical Feminism in America, 1967-75**. London: University Of Minnesota Press, 2009.

FIRESTONE, Shulamith. THE WOMEN'S RIGHTS MOVEMENT IN THE U.S.: A NEW VIEW. In: New York Radical Women. **NOTES FROM THE FIRST YEAR**. New York, 1968. p. 1-7.

FIRESTONE, Shulamith. WOMEN RAP ABOUT SEX. In: New York Radical Women. **NOTES FROM THE FIRST YEAR**. New York, 1968b. p. 8-11.

FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique**. London: Harmondsworth: Penguin Books, 1986.



HANISCH, Carol. **A Critique of the Miss America Protest. 2003.** Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/MissAmericaProtestCritique.pdf> Acesso em: 05 de maio de 2017.

HANISCH, Carol. **The Personal Is Political,** 1969. Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html> Acesso em março de 2017.

HANISCH, Carol. SUTHERLAND, Elizabeth. **WOMEN OF THE WORLD UNITE — WE HAVE NOTHING TO LOSE BUT OUR MEN!**, In: New York Radical Women. **NOTES FROM THE FIRST YEAR.** New York, 1968. p. 12-16.

KEARON, Pamela; MEHRHOF, Barbara. **Rape: An Act of Terror.** In: **Notes From The Third Year: WOMEN'S LIBERATION.** New York, 1971.

KROLØKKE, Charlotte; SØRENSEN, Anne Scott. **Three waves of feminism: from suffragettes to grrls,** in *Gender communication theories & analyses: from silence to performance*, SAGE Publications, Inc., Thousand Oaks, 2006.

KOEDT, Anne. **The Myth of the Vaginal Orgasm,** In: **NOTES FROM THE SECOND YEAR.** New York, 1968. p.11.

REDSTOCKINGS. **REDSTOCKINGS MANIFESTO.** 1969. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/99750/redstockings-português-bklt.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate. **Radical Feminism: History, Politics, Action.** In: *Radically Speaking: Feminism Reclaimed.* North Melbourne, Victoria: Spinifex Press, 1997. p. 9-17.

TONG, Rosemarie. **FEMINIST THOUGHT: A MORE COMPREHENSIVE INTRODUCTION.** Philadelphia: Westview Press, 2009.

WILLIS, Ellen. **No More Nice Girls: Countercultural Essays.** London Wesleyan University Press, 1992.

WILLIS, Ellen, “Prefácio” em ECHOLS, Alice. **Daring to Be Bad: Radical Feminism in America, 1967-75.** London: University Of Minnesota Press, 2009.